

(ANGICOS III, reportagem publicada na "Tribuna da Imprensa, do Rio)

## A HORA E A VEZ DE ANGICOS

De Luis Lôbo

ANGICOS, RIO GRANDE DO NORTE. UMA EXPERIÊNCIA INÉDITA ESTÁ CHAMANDO A ATENÇÃO DOS JORNALISTAS DO BRASIL INTEIRO. ESTÃO A CAMINHO DE LÁ REPÓRTERES DO TIME E DE LE MONDE. JÁ DISSERAM QUE É A REVOLUÇÃO, FEITA COM O DINHEIRO DA ALIANÇA PARA O PROGRESSO. LUIS LÔBO, NOSSO ENVIADO ESPECIAL, INFORMA: "É UMA EXPERIÊNCIA. UMA EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA". ESTA É A SUA HISTÓRIA.

Acontece em Angicos, cidadezinha no centro do Rio Grande do Norte: vinte e cinco estudantes acamparam por lá e estão fazendo a mais importante experiência em matéria de educação na História do Brasil. Estão tentando, em 40 horas, alfabetizar toda uma cidade.

Não acredita? Nós também não. E, no entanto, é verdade.

ANGICOS, tecnicamente, é uma vila, na beirada da estrada de ferro do Nordeste. Uma igreja, uma estaçãozinha, um açude, a cadeia, o cemitério, um colégio dos padres, a pracinha defronte à igreja, um mercadinho municipal, coletoria, agência do Correio, a rua principal (calçada) e mais meia-dúzia de ruazinhas.

Nem Angicos tem mais. Os pés eram cinco, dizem, onde está hoje a igreja.

O prefeito anda sempre de paletó e gravata, mas às 10 horas da noite a luz elétrica é desligada.

Cinema, não tem. Campo de futebol, não tem.

Quem vem de Natal, tem de atravessar a zona do litoral e o greste, entrando firme pelo centro norte, 200 quilômetros, 155 na poeira, até Angicos.

Em Angicos, diziam as estatísticas, haviam 35% de analfabetos em idade adulta. E a conta era simples: um número de habitantes adultos, menos o número de eleitores, tanto. E era? Era nada. A grande maioria dos eleitores nem ao menos sabe ler o seu próprio nome. O máximo que faz, a mando do patrão, é saber ferrar o nome para poder votar. (Poder, não, que eles são obrigados).

A população adulta e analfabeta de Angicos é, na verdade, de mais de 70%.

Outro dia, chega lá um bando de moças e rapazes, universitários e ginasianos. E vão, de porta em porta, de conversa, querendo saber:

- O senhor sabe ler?

E vão avisando:

- Nós vamos ensinar todo mundo a ler. E as aulas não demoram - muitos dias. O Senhor quer aprender?

- Então não quero, môço?

- Prá que o senhor quer aprender a ler?

- Prá me livrar.

Não é literatura não. Um homem respondeu mesmo "pra me livrar!" Como a maioria respondeu que queria "pra melhorar de vida". E houve quem respondesse que é para "não ser mais enganados".

Para isso, para aquilo, pra ganhar mais dinheiro, para escrever cartas, ler jornal, escrever romance, apareceram 400 adultos dispostos a sacrificar um pouco do seu descanso. À noite, depois de trabalhar o dia inteiro vem gente de léguas, lápis e caderno na mão, aprender. (E vêm segurando o lápis e o caderno como quem vem para a luta, com firmeza e orgulho). Tinha gente de não ler um O:

- Seu Cosme, que letra é essa que parece uma roda de caminhão?

- É xis?

- Não, seu Cosme, é um O.

- Então é um O, não é?

Seu Cosme já tem 70 anos e não estava acompanhando a turma. Procurou o professor.

- Eu tenho uma qualquer coisinha; o senhor me dá umas aulas, que eu aprendo e pago ao senhor.

Seu Cosme vem de longe. Quando a turma sai, agora, ele ainda fica:

- Seu Cosme, que letra é essa?

- É um O?

- Eu que estou perguntando...

- Então é um O.

- E essa palavra?

- Essa aí é belota.

MARCOS é um môço, o líder da turma. Marcos Guerra, terceiranista de Direito, gosta de tirar os sapatos, sempre que pode. Marcos tira os sapatos para dar aula.

No outro dia, o Marcos não chegou a tempo para a aula. Seu Geraldo falou:

- Seu Marcos vem amanhã?

- Vem, seu Geraldo. Ele não veio hoje porque foi ao dentista.

- Porque ele tem muita paciência com a gente e até tira o sapato pra dar aula à gente.

Marcos dá aula na cadeia. Três presos, a mulher de um deles, a cunhada do soldado de polícia. O soldado não quis continuar:

- Eu sou muito suturno.

Suturno. Tôda a gente na cidade se dizia suturna. Na quarta hora de aula já estava escrevendo um porção de palavras.

Alguns desistiram. Como o soldado, que não queria perder a autoridade. E êsse levou a mulher. Mas a cunhada não foi, ficou, já está escrevendo.

- Dona Francisca, que palavra é essa?

- É belota.

- O que é belota?

- Belota é o enfeite da chibata. (É também aquêle pendurucalho que enfeita as rôdes).

- Quantas famílias tem em belota, seu Toureiro?

- Tem três. A família do be, a família do lo e a família do ta

- Como é a família do ta?

- Ta, te, ti, to, tu.

- Vai dizendo aí, seu Toureiro, que eu aponto.

- Tá, tu, ta, te, to.

- O senhor é capaz de escrever uma palavra usando dois tijo --  
linhos da família do ta?

- Tenho pra mim que posso, sim senhor.

Toureiro escreve tatu.

- O que é tatu, seu Toureiro?

- É um bicho muito gostoso.

- O senhor pode escrever uma palavra usando as famílias de sa-  
pato?

Toureiro escreve topo.

- O que é topo, seu Toureiro?

- Assim, na minha profissão, quando o touro vem a gente topa.

Eu topo.

Toureiro, na quinta aula, já escrevia também baile. Toureiro - foi preso num baile. Êle pediu para tocarem um xote. Outro pediu para tocarem marcha. Tocaram xote, o outro reclamou, tomou satisfações com o Toureiro. Acabou na porta de uma peixeira de nove polegadas.

Toureiro está estudando. Quer escrever, êle mesmo, uma petição ao Tribunal. 25 anos é muita coisa. A MORENINHA tímida estava com dificuldades. A turma não vinha formando palavras, não tirava uma sílaba daqui e outra de lá, para escrever uma palavra nova.

Inventou o tijolinho.

A palavra sapato tem três tijolinhos: sa, pa, to. Salina também tem três: sa, li, na. Como é que a gente faz um muro? Vai botando os tijolinhos, um ao lado do outro.

Vamos fazer umas palavras usando um tijolinho daqui e outro de

lá.

Sala, pano, nata, taoi.

- Taoi, sou Francisco? O que é taoi?

- E tem coisa com nome de taoi?

- Ainda não inventaram uma coisa com êsse nome, sou Francisco.

Mas a palavra existe; se o senhor escreveu é porque ela existe.

NINA. O homem escreveu Nina. O que é Nina? Nina é o nome da minha mulher. O homem, orgulhoso, já sabe escrever Nina. Como já sabe escrever voto e povo.

Povo é povo, massa é outra coisa. O senhor já sabe o que é massa?

- Massa vai na onda...

Eu voto. O voto. Vota com fé e orgulho. Salve lindo voto. O voto é a arma do povo.

Tem aula de politização também. Mas, de vez em quando, o professor fica sem saber o que dizer. Como no dia seguinte, quando o homem chegou para o professor e disse:

- Fiquei pensando da nossa conversa de ontem; tá tudo certo, mas depois que a gente vota êle, não tem quem derrube se êle não presta.

- Derruba sim.

- Derruba nada. As formiguinhas, tôdas juntas, levam a barata muito maior pro formigueiro. Mas barata é barata, gente é gente.

EM ANGICOS a noite é uma beleza. Já era, sempre foi. Mas agora a noite em Angicos está muito mais bonita. Os projetores de slides iluminam a parede da casa pobre:

- Belota, salina, voto, povo, sa, se, si, so su, la le li lo

lu, na ne ni no nu, ta te ti to tu, va ve vi vo vu. Viva.

Onde não há eletricidade, projetor de querosene. O Carlos inventou um, com uma lâmpada cheia d'água e uma caixa de sapatos:

- Ação, ação:

Todo o mundo dormindo, no dormitório do colégio dos padres.

Quem acorda primeiro, grita:

- Olha a alvorada!

Grito antipático. Olha a alvorada! O remédio é pular da cama e ir para o banho frio. Olha a hora do café.

As môças também tomam banho frio

- Menina, como é que seu pai deixou você vir para cá sózinha, passar êsse tempo todo trabalhando junto com os rapazes?

- Porque êle tem confiança em mim.

- Ah, Nordeste da peste!

AS MÔÇAS se revezam na cozinha: ação, ação. De manhã é a hora de estudar, quem está em segunda época... Depois, vamos preparar as aulas. A aula, co

mo foi a aula de ontem? Todos fazem relatório, discutem, combinam a solução das dificuldades. Hoje a aula vai ser assim.

- Ontem eu misturei as famílias e eles formaram muito mais palavras.

- Eles aprendem muito mais depressa com a palavra projetada - no escuro do que escrevendo no quadro. Então eu fiz um slide, escrevendo com nanquim em papel vegetal...

- Minha turma prefere fazer frases do que escrever palavras soltas.

- O pessoal lá quer mais conversa de politica...

PAULO Freire, Paulo Freire.

- O professor Paulo Freire vem aí.

O professor Paulo Freire veio, chegou do Recife para ver, como vai a experiência de Angicos. Há um ano ele estuda seu método de alfabetizar em 40 horas de aula. Já fez algumas experiências pequenas, com domésticas. E deu certo. Esta é a primeira grande experiência, nas piores condições possíveis.

- Vocês jornalistas são perigosos, vocês falam demais, fazem propaganda. Isso ainda é uma experiência.

- Mas professor, toda gente está vendo dar uma experiência, uma experiência.

O professor quer que se diga: é uma experiência certo.

- É uma experiência.

A experiência de Angicos, que não é só isso. Que começou no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, na teoria. Que alfabetizou domésticas no Recife e em João Pessoa. Que pretende fazer de Angicos a primeira cidade brasileira sem analfabetos. Que tirou de casa e das férias uma porção de estudantes. Que levou-os para o interior e para o desconforto. Que está ensinando a eles também uma porção de coisas. E a nós.

- É uma experiência, viu?

- É.

- ESCREVA uma palavra com as letras da família de belota.

- Belo.

É uma velinha, 70 anos também, quem escreve.

- E o que é belo?

- Belo é uma coisa quase bonita.

Como a experiência de Angicos, que tem uma segunda parte, depois das 40 horas. (Por enquanto, ficamos nessa notícia, que o professor Paulo Freire não quer publicidade).

NO PEQUENO e humilde cemitério de Angicos, há uma capelinha, quatro sepulturas grandes, algumas lajes no chão. O mais, são montinhos de terra com

uma cruz de pau plantada. Não há alinhamento nessa sepulturas pobres. Com o tempo, e as chuvas, os montinhos vão desaparecendo, as cruzes caem, ninguém mais pode saber ali embaixo é uma sepultura.

Eu pisava com cuidado, evitando as sepulturas, o coveiro disse:

- Não se cuide não doutor, qualquer lugar que o senhor piso, está pisando no fim de alguém.

De alguém analfabeto, pode crer.

Quando acabar a experiência de Angicos, é bem possível que nunca mais seja enterrado ali um analfabeto.

É uma experiência, ainda, e já é uma revolução.

/Mfm.